

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA:
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

MARIA JULIANA BATISTA MARTINS

**“COMO ME SINTO QUANDO...”: Desenvolvimento de competências
socioemocionais com os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental no
Colégio dos Jesuítas/MG**

Porto Alegre

2025

MARIA JULIANA BATISTA MARTINS

“COMO ME SINTO QUANDO...”: Desenvolvimento de competências socioemocionais com os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental no Colégio dos Jesuítas/MG

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica, pelo Curso de Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Ms. Tatiane Ayala Waldow

Porto Alegre

2025

“COMO ME SINTO QUANDO...”: Desenvolvimento de competências socioemocionais com os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental no Colégio dos Jesuítas/MG

Maria Juliana Batista Martins*

Tatiana Ayala Waldow**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a atividade “Como me sinto quando...” motivada pelo parididático *Pedro vira porco-espinho*, de Janaina Tokitaka (2017) e desenvolvida com os estudantes dos 3º anos do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas, de Juiz de Fora/MG. Adotou-se como base para a apresentação da atividade um relato de experiência demonstrando o quanto o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à dimensão socioemocional pode motivar as crianças a manterem relações positivas consigo mesmo e com os outros, enfrentando, de forma eficaz e adaptativa, as demandas de seu ambiente social por meio de estratégias específicas que promovam o enfrentamento das adversidades, a adaptação às mudanças e a demonstração da empatia. Considerando este panorama, principalmente pós-pandemia, quando percebemos que as crianças chegavam nas escolas muito inseguras, fragilizadas e agressivas, foram pensadas novas formas de promover atividades que trabalhassem a gestão das emoções. A metodologia também baseou-se em entrevistas com professores regentes e especialistas e pesquisa bibliográfica. Saber gerenciar as emoções pode ser o elemento-chave para o desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, a gestão das emoções e o Paradigma Pedagógico Inaciano nos ajudam no desenvolvimento autêntico como pessoas competentes, conscientes, compassivas, comprometidas e criativas, orientando o nosso caminhar e buscando responder aos desafios dos processos educativos atuais em busca do *Magis* Inaciano.

Palavras-chave: Gestão de emoções; educação integral; educação socioemocional; Paradigma Pedagógico Inaciano; *Magis* Inaciano.

1 INTRODUÇÃO

Pedro é um menino assim: gosta de dinossauros, de brincar com os amigos, desenhar e ganhar carinho. Mas às vezes, de repente, sem aviso e de mansinho... Pedro vira Porco-Espinho (Tokitaka, 2017, p. 4 e 6).

A proposta deste trabalho de conclusão de curso nasceu de uma atividade feita com as turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I, do Colégio dos Jesuítas, de Juiz

* Pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Desenvolvimento Humano pela UFJF. Atualmente trabalha como Orientadora de Aprendizagem no Ensino Fundamental I no Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora/MG. E-mail: maria.juliana@coljes.com.br

** Professora orientadora. Mestre em Gestão Educacional pela Unisinos, graduada em Letras pela Ulbra. Coordenadora do Ensino Fundamental I do Colégio Anchieta (RS). E-mail: tayala@colegioanchieta.g12.br.

de Fora/MG, nos anos de 2023 e 2024, contando com a participação dos professores regentes e professores especialistas de Artes, Educação Física, Ensino Religioso, Inglês e Literatura Infantil, que, em conjunto, por meio de uma proposta interdisciplinar, desenvolveram um projeto nomeado “Emoções”. A partir da leitura do paradidático *Pedro vira porco-espinho*, de Tokitaka (2017), a atividade “Como me sinto quando...” teve como propósito desenvolver competências socioemocionais¹ dos estudantes da série, oportunizando momentos de escuta, música, atividades lúdicas e relaxamento. Verificamos o quanto era importante planejarmos aulas para falar dos sentimentos, principalmente pós-pandemia², quando percebemos que as crianças chegavam nas escolas muito inseguras, fragilizadas e agressivas. O trecho destacado anteriormente é o começo do livro *Pedro vira Porco-Espinho*, no qual Janaina Tokitaka, de forma lúdica e criativa, escreve nas entrelinhas que a emoção não se controla, mas podemos gerenciá-la e regulá-la. Assim, compreendemos que conhecer melhor nossas emoções nos ajuda a reagir assertivamente perante um fato externo, como estar contente por receber uma boa notícia, ou internamente, ao ficarmos tristes por recordar uma memória ruim, por exemplo.

Sabendo da relevância do tema “gestão de emoções” para estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental I, aproveitamos o lançamento do segundo filme de animação *Divertida Mente 2*, produzido pela Pixar Animation Studio, em 2024, que fez parte da estratégia do projeto. Segundo constatou a revista Forbes³, a produção “alcançou um marco importante nas bilheteiras, se tornando a maior animação de todos os tempos”. Esse dado nos mostra o quanto o filme desperta na sociedade atual a necessidade de conhecer mais as emoções e como lidar com elas. Temas importantes como inteligência emocional, saúde mental e psicologia têm despertado cada vez mais adeptos para pesquisar sobre estas temáticas e aplicá-las no ambiente escolar. O desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à dimensão socioemocional pode motivar as crianças a manterem relações positivas consigo mesmo e com os outros, enfrentando, de forma eficaz e adaptativa, as demandas de

¹ O termo se refere ao conjunto de habilidades sociais e de inteligência emocional envolvidas na relação de qualquer pessoa. “Socioemocional” descreve melhor a área do que o termo “habilidades emocionais”, pois esta sempre tem um componente social, seja na produção, percepção e nomeação das emoções, ou seja, na resolução de problemas, respeito e compromisso com a comunidade do qual o indivíduo faz parte (Rezende, 2017).

² Período posterior à pandemia causada pelo alastramento da covid-19 no mundo todo.

³ HUGHES, M. *Divertida Mente 2 se torna 12ª maior bilheteria da história*. **Forbes**, 31 jul. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2024/07/divertida-mente-2-se-torna-12a-maior-bilheteria-da-historia/>. Acesso em: 20 out. 2024.

seu ambiente social por meio de estratégias específicas que promovam o enfrentamento das adversidades, a adaptação às mudanças e a demonstração da empatia. Tendo como objetivo, dessa forma, assegurar a reflexão e o discernimento, contribuindo para a construção de um comportamento mais assertivo e menos agressivo entre os estudantes.

Considerando esse panorama, foram construídas, coletivamente, entre a equipe de professores, novas formas de promover atividades nas séries iniciais do Ensino Fundamental I que trabalhassem a gestão das emoções. Esse “lidar com as emoções” precisa ser muito cuidadoso tanto para não nos ferirmos quanto para não ferir o outro. Questões de como reagir diante de uma frustração, ou em um conflito com o colega, como dizer o que sente sem magoar o outro, como dizer “não” sem ser ofensivo, como reagir quando alguém faz alguma coisa em relação àquilo que você não gosta, entre outros aspectos, foram o ponto de partida para iniciar a atividade. A partir dessas questões, os professores regentes e especialistas de Artes, Educação Física, Ensino Religioso, Inglês e Literatura Infantil pensaram em trabalhar os conceitos do respeito, da empatia, mas também do autoconhecimento, de forma interdisciplinar, a partir de uma comunicação não violenta (CNV)⁴, que nos encoraja a entrar em contato com esse centro de humanidade, no qual nos reconhecemos como aprendizes de novos modos de estar e de nos articular com os outros e com o mundo. Além de ser uma via de autoconhecimento, a comunicação não violenta nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros.

Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca, acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e as dos outros (Rosenberg, 2006, p. 21 e 22).

Diante desses desafios da contemporaneidade relacionados às emoções e às relações com o outro, foi realizada uma proposta prática com as provocações citadas em forma de estratégias de aprendizagem ao grupo de alunos das turmas dos 3º anos do Ensino Fundamental I.

Na próxima seção, exploraremos como as estratégias desse projeto foram desenvolvidas com estudantes na faixa etária de 7 e 8 anos, no Colégio dos Jesuítas

⁴ “A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas” (Rosenberg, 2006, p. 21).

de Juiz de Fora/MG, entre os anos de 2023 e 2024. Mas, antes disso, precisamos conhecer quem é essa criança e quais são as expectativas e as particularidades desta idade dentro da perspectiva do desenvolvimento humano.

2 A CRIANÇA E SUAS EMOÇÕES

Por mais que estudemos e nos esforcemos para compreender o comportamento humano e seu desenvolvimento, ele sempre reserva surpresas e imprevistos. Como disse Piletti (1995, p. 200):

esta imprevisão e esta incerteza é que dão sabor, graça e beleza à vida humana. Esse desajuste do ser humano a padrões pré-estabelecidos é que produz o avanço, o progresso, a mudança. É isso que nos estimula a inventar, a criar, a realizar e a tentar melhorar nosso mundo.

Para Piaget (apud Varma; Williams, 1976, p. 22):

é o desequilíbrio que gera o desenvolvimento, e este é desencadeado através dos estímulos externos. Em outras palavras, os estímulos externos somente são significativos quando o sujeito dispõe de conceitos práticos (esquemas de ação⁵) ou estruturas mentais capazes de conferir-lhes significação.

Apesar das diferenças, a partir da experiência de cada ser humano e da incerteza que marca o desenvolvimento humano, é possível estabelecer alguns princípios básicos, algumas tendências gerais observadas no desenvolvimento de todas as pessoas e de cada ser humano em particular. Muitos pesquisadores chegaram também a estabelecer certas fases para esse desenvolvimento. São etapas que obedecem a uma certa sequência, válida para todos, embora varie a idade em que cada uma dessas pessoas inicia cada fase.

No desenvolvimento humano, não existem momentos de ruptura radical. A evolução é gradual e contínua. Para Piletti (1995, p. 205), “Se considerarmos o crescimento físico, a infância e a adolescência são as fases em que as mudanças são mais acentuadas”. Os estudiosos do assunto procuram dividir o processo global de desenvolvimento em cinco fases: vida pré-natal, infância (do nascimento aos 12 anos), adolescência (dos 12 aos 18 anos), idade adulta (dos 18 aos 60 anos) e velhice (depois dos 60 anos). Para este artigo, iremos aprofundar aspectos sobre a infância,

⁵ Para Piaget (apud Varma; Williams, 1976), os esquemas de ação têm origem nos reflexos com os quais o indivíduo nasce, mas constroem-se pouco a pouco e se diferenciam a partir de sucessivas acomodações em função da experiência.

mais especificamente na idade dos sete e oito anos, que são as crianças com as quais desenvolvemos a atividade “Como me sinto quando...”. Assim, inicialmente, precisamos entender quem é esta criança de 7 e 8 anos em termos do desenvolvimento (cognitivo, emocional, social, físico e linguagem) e do comportamento.

Antes de especificarmos os principais marcos dessa faixa etária, abordaremos como ocorre o desenvolvimento emocional e social da criança desde o seu nascimento, para entendermos como os comportamentos emocionais aparecem e de que forma a aprendizagem, a partir do processo da maturação, possibilita a expressão da emoção e a ocasião em que é adequado um comportamento emocional.

Segundo Piletti (1995, p. 218),

Ao nascer, a criança não traz tendências inatas para amar, odiar, sentir raiva e medo, aproximar-se ou afastar-se das pessoas. São as experiências que a criança vai ter com seres humanos adultos, durante os primeiros anos de vida, que vão determinar em grande parte o tipo de relacionamento que ela vai desenvolver em face das outras pessoas.

Ou seja, o desenvolvimento de atitudes positivas ou negativas, diante dos outros, é a interação que se estabelece entre a criança e a mãe, ou a pessoa adulta que toma conta dela, durante o primeiro ano de vida.

Contrariando esta teoria, Antônio Damásio⁶, neurocientista português, afirma que desde bebê já começamos a processar algumas emoções, por exemplo, a alegria e a raiva. A emoção sempre começa no corpo, por ser neurofisiológica, mas é também cognitiva, porque depois que você expressa a emoção e como você a expressa tem a ver com a capacidade que o ser humano tem de aprender e de reaprender através das reações. Para o estudioso, existem seis emoções primárias que são: raiva, medo, tristeza, alegria, nojo e desprezo⁷. Aprender a ter recursos para lidar melhor com essas emoções que são inerentes nos ajuda a mudar as nossas atitudes, os nossos comportamentos e a ser mais efetivos.

Diante do exposto, agora vamos descrever como é a criança de 7 e 8 anos, público-alvo de nossa atividade “Como me sinto quando...”, para entendermos melhor

⁶ Estudioso de neurobiologia do comportamento humano e investigador das áreas cerebrais responsáveis pela tomada de decisões e conduta. Observou o comportamento em centenas de doentes com lesões no córtex pré-frontal, permitindo concluir que, embora a capacidade intelectual se mantivesse intacta, esses doentes apresentavam mudanças constantes do comportamento social e incapacidade de estabelecer e respeitar regras sociais.

⁷ Os conceitos aqui apresentados foram extraídos de uma entrevista com Damásio concedida a Tiago Malí, da Revista Galileu. Disponível em: <https://youtu.be/2COAN5Y6S9U?t=9>.

de quais ferramentas emocionais e comportamentais elas dispõem, e na sequência, iremos diferenciar emoções e sentimentos.

A criança de 7 a 8 anos está em uma fase de transição, passando do pensamento mais egocêntrico para uma maior consciência do mundo ao seu redor, e aprimorando suas habilidades sociais e emocionais. Ela começa a ter mais autonomia, deseja realizar tarefas por conta própria e demonstra interesse em atividades em grupo, buscando formar laços sociais mais sólidos com amigos e colegas da mesma idade. Em termos de desenvolvimento, podemos explicitar as dimensões conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Características das crianças de 7 a 8 anos

DIMENSÕES	CARACTERÍSTICAS
Cognitivas	A criança de 7 a 8 anos desenvolve a capacidade de entender relações de causa e consequência, tem uma noção mais clara de certo e errado, e mostra curiosidade por assuntos de adultos. Elas também começam a desenvolver habilidades de resolução de problemas mais complexos e aprimoram sua capacidade de concentração, permitindo que se envolvam em atividades por períodos mais longos de tempo.
Emocional	Elas começam a ter mais empatia e a compreender as emoções de outras pessoas, tornando-se mais colaborativas.
Social	A criança busca interações sociais com seus pares, formando laços de amizade e se envolvendo em atividades em grupo.
Físico	As crianças continuam a desenvolver suas habilidades motoras, tornando-se mais ágeis e coordenadas.
Linguagem	As habilidades de linguagem se aprimoram, permitindo que elas expressem ideias e emoções de forma mais clara e complexa.

Fonte: Casali-Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015)

Com relação aos comportamentos das crianças de 7 a 8 anos, podemos inferir que eles são capazes de articular as habilidades sociais conforme evidenciadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Habilidades sociais das crianças de 7 a 8 anos

HABILIDADES SOCIAIS	CARACTERÍSTICAS
Autonomia	A criança busca mais independência, querendo fazer coisas por conta própria.
Teimosia	Em algumas situações, elas podem ser teimosas e resistir a ordens ou tarefas.
Introspecção	Podem passar tempo pensando, explorando seus próprios pensamentos e fantasias.
Curiosidade	Elas demonstram interesse por aprender e explorar o mundo ao seu redor.
Personalidade	A criança começa a desenvolver sua própria personalidade e a afirmar seus gostos e preferências.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2005, p. 97)

Como percebemos, as crianças de 7 a 8 anos começam a desenvolver uma maior consciência de suas próprias emoções e das emoções dos outros, tornando-se mais empáticas e colaborativas. Mas o gerenciamento dessas emoções ainda precisa ser trabalhado no ambiente escolar, para que elas mantenham relações positivas consigo mesmo e com os outros e aprofundem qualquer experiência; oferecendo oportunidade para colocar em prática os valores e as habilidades adquiridas, para que alguma transformação positiva aconteça. Assim, precisamos saber diferenciar o que é emoção e o que é sentimento.

Sabemos que a emoção é uma reação do nosso corpo, que nos leva a reagir de determinada forma de acordo com acontecimentos *externos*, que podem ser familiares ou sociais (estar contente por receber uma boa notícia, por exemplo). A emoção pode aparecer, também, por agentes *internos*, como quando ficamos tristes por recordar uma memória ruim. As emoções surgem de forma instantânea frente ao evento e são de curta duração, tendendo a ser uma emoção positiva ou emoção

negativa. Podem também ser de longa duração, quando, por exemplo, nos apaixonamos por um bichinho de estimação.

Já o sentimento é um estado de ânimo e é considerado a expressão mental da emoção. Todos nós temos sentimentos com relação a alguma coisa, algum lugar ou a alguma pessoa. São esses sentimentos que podem causar diferentes emoções e reações. Quando pensamos sobre as relações que estabelecemos em nosso dia a dia, devemos nos fazer perguntas: de onde será que vêm os sentimentos ou quais sentimentos nós temos em relação à nossa escola, ou até mesmo quais sentimentos temos em relação à nossa família? As emoções, geralmente, aparecem rapidamente e de forma espontânea, mas os sentimentos demoram mais e temos tempo de refletir sobre eles. São vários tipos de sentimentos que provocam em nós uma mudança de comportamento com resposta positiva ou negativa, e para gerenciar nossas emoções, devemos saber como reagir aos sentimentos negativos, estimular a busca pelo autoconhecimento, aprender a lidar com as emoções, praticar a empatia, incentivar a autoconfiança, incentivar a expressão das ideias e treinar a resiliência.

Com o advento da modernidade e com o mundo completamente líquido⁸, a escola, além de ser um espaço de difusão de conhecimento, também possibilita refletir sobre esse conhecimento. Um dos grandes legados da educação do século XXI está na aprendizagem socioemocional. Nesse contexto, a escola que trabalha a educação emocional otimiza o processo cognitivo, tendo o diálogo como base e a consciência que este tema não é um mero modismo e não reduz a emoção apenas à afetividade. É indiscutível que reflitamos sobre educação socioemocional e sua importante contribuição para uma melhoria na qualidade do processo educacional, nas relações interpessoais e na prática profissional. A inteligência emocional é um conceito da psicologia usado para designar a capacidade do ser humano de lidar com as emoções. Daniel Goleman (2011, p. 19) afirma que “Pessoas que conseguem ter o controle sobre suas emoções também têm mais autogestão sobre suas vidas”.

Desenvolver habilidades socioemocionais no ambiente escolar tem sido um foco em diversos países, como, por exemplo, Estados Unidos, Dinamarca, Finlândia e Japão, que, percebendo a importância da gestão de emoções na escola, introduziram nos currículos os componentes alfabetização emocional e a ciência do

⁸ Termo criado por Zygmunt Bauman, sociólogo, filósofo, professor universitário e teórico social polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia, referência em estudos sobre pós-modernidade e criador do conceito de modernidade líquida.

eu; ou por meio de programas intensivos paralelos, trabalhando temas como solução criativa de conflitos e desenvolvimento de competência social.

De acordo com Daniel Goleman (2011, p. 12),

nos idos de 1995 foram introduzidos programas de aprendizado social e emocional, ou SEL⁹ nas escolas dos EUA com o intuito de ensinar habilidades emocionais para as crianças. Uma década depois, o que era um programa virou um requisito curricular em vários distritos dos EUA.

Aqui no Brasil, a educação emocional é desenvolvida por meio de projetos de linhas transversais e/ou interdisciplinares, inspirando todas as disciplinas e atividades da escola, como é o caso deste trabalho que foi desenvolvido no Colégio dos Jesuítas de Juiz de Fora/MG.

Para podermos trabalhar o desenvolvimento socioemocional no ambiente escolar, devemos pensar em estratégias com os estudantes e com os professores. Com os estudantes, devemos, enquanto educadores, incentivá-los a contar suas experiências e sentimentos; estimulá-los a uma abordagem que busca solução criativa dos conflitos; inseri-los em situações práticas de desenvolvimento emocional e vivenciados na interligação de atividades de várias disciplinas; proporcionar que experimentem momentos de debates menos artificiais, problematizando relações e emoções que surgem no cotidiano; participar de atividades lúdicas em grupo, objetivando a empatia e o trabalho colaborativo; vivenciar situações de escolhas e lidar pedagogicamente com as consequências. Com relação aos professores, devemos preparar o corpo docente para entender o processo que envolve a construção de habilidades socioemocionais e vivenciar treinamentos que desenvolvam sua inteligência emocional, pois quem não tem a sua aguçada dificilmente conseguirá contribuir para desenvolver a do outro. Dessa forma, o professor deve atuar com a intenção de realmente preparar os estudantes a serem conscientes e responsáveis em sua forma de sentir, pensar e agir e usar da sua sensibilidade para abrir o debate e oferecer o espaço adequado de expressão dos estudantes. Nesse ambiente, os professores são instigados a resolver desafios que contribuirão para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais de seus estudantes. A partir da reflexão, podemos discernir, transformando e modificando as emoções, trazendo tanto um aguçamento quanto um afastamento em relação a um comportamento específico. Essas transformações referem-se às mudanças no

⁹ *Social and Emotional Learning.*

sistema de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de uma determinada situação. Não existe uma fórmula para desenvolver a educação socioemocional, mas podemos inferir que existam alguns ingredientes básicos, como formação docente inicial e continuada, conhecimento do docente em sua atuação em sala de aula, despertando para a escutatória¹⁰, como diz Rubem Alves (2003, p. 92).

De acordo com a perspectiva construtivista, o “estímulo” proveniente do meio exterior só sensibiliza o sujeito e desencadeia uma resposta, gerando o desenvolvimento, quando seus esquemas de ação podem interpretá-lo ou assimilá-lo. Em outras palavras, os estímulos somente são significativos quando o sujeito dispõe de conceitos práticos ou estruturas mentais capazes de conferir-lhes significação. Como diz Piaget (apud Varma; Williams, 1976, p. 53),

A ligação fundamental constitutiva de todo conhecimento não é uma simples associação entre os objetos, pois esta noção negligencia a parte da atividade devida ao sujeito, mas sim a assimilação dos objetos aos esquemas deste sujeito.

Corroborando este pensamento, podemos deduzir que o desenvolvimento, ou até mesmo a aprendizagem, ocorre quando o estudante enfrenta problemas que tenham significado real para ele. Segundo Piletti (1995, p. 97),

O aluno, como qualquer pessoa, é naturalmente curioso, quer saber sempre mais, conhecer o mundo em que vive. Por isso, se a escola propõe atividades que se relacionem com essa curiosidade natural, com esse seu desejo de saber, ele vai interessar-se e entusiasmar-se com a atividade sugerida.

Em outros termos, quando a aprendizagem parte dos problemas reais dos alunos, certamente vai ter efeitos sobre o comportamento, vai refletir-se em sua prática diária e, conseqüentemente, mudar seu comportamento.

Se a aprendizagem para ter efeito sobre o comportamento precisa partir dos problemas reais dos estudantes, podemos inferir que criando experiências que estimulem o intelecto e a imaginação dos estudantes; promovendo um hábito contínuo de reflexão para aprofundar qualquer experiência; e oferecendo oportunidade para colocar em prática os valores e as habilidades adquiridas, ajudaremos para que alguma transformação positiva aconteça.

¹⁰ Termo popularizado por Rubem Alves, refere-se à arte de ouvir de forma atenta e empática, valorizando o que o outro tem a dizer sem julgamentos ou interrupções. É a prática de criar um espaço seguro para a comunicação, onde a escuta é mais importante do que a fala.

Para Del Prette e Del Prette (2005), o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças tem início no nascimento e se torna progressivamente mais elaborado ao longo da vida, dependendo da qualidade da interação do indivíduo com seu ambiente. O ambiente familiar constitui o núcleo inicial para a aprendizagem dessas habilidades, pois, desde pequena, a criança aprende por meio da observação, de instruções e regras estabelecidas pelos pais e, também, das consequências de seus comportamentos (Del Prette; Del Prette, 2005).

Na medida em que a criança se insere em sistemas sociais mais amplos, como a escola, ela passa a ser confrontada com situações mais complexas e, conseqüentemente, com novas demandas sociais que exigem a ampliação de seu repertório de habilidades sociais (Del Prette; Del Prette, 2005, p. 321).

Com base na literatura da área e em estudos empíricos com crianças, Del Prette e Del Prette (2005) propuseram uma organização das habilidades sociais relevantes na infância e dividiram em sete classes, definindo os componentes essenciais, que, de acordo com o Quadro 3, definiremos como competências sociais.

Quadro 3 – Habilidades sociais relevantes na infância

HABILIDADES SOCIAIS	COMPETÊNCIAS SOCIAIS
Autocontrole e Expressividade Emocional	Tolerar frustrações, expressar as emoções positivas e negativas
Civilidade	Cumprimentar pessoas, agradecer
Empatia	Ouvir e demonstrar interesse pelo outro, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro
Assertividade	Defender os próprios direitos, resistir à pressão de colegas
Fazer amizades	Fazer e responder perguntas, iniciar e manter conversação
Solução de problemas interpessoais	Identificar e avaliar possíveis alternativas de solução
Habilidades sociais acadêmicas	Seguir regras ou instruções orais, participar de discussões

Fonte: Del Prette e Del Prette (2005, p. 95)

As pesquisas têm mostrado que crianças com um bom repertório de habilidades sociais têm perspectivas mais favoráveis para o futuro, pois essas habilidades encontram-se associadas a características como bom rendimento acadêmico, responsabilidade, independência, cooperação, autoestima e outros comportamentos que contribuem para a qualidade das relações interpessoais.

Esse fato mostra a necessidade de promover, no ambiente escolar, atividades que conduzam à identificação e à expressão de emoções e que apresentem modelos dos comportamentos sociais valorizados (demonstrar empatia, fazer e atender pedidos, expressar emoções, ouvir, entre outros). Não podemos ignorar também as habilidades não verbais, como os gestos, as expressões faciais, a linguagem corporal, o tom de voz, o contato visual, a postura, entre outros aspectos. Outro ponto importante é de integrar ao currículo atividades detalhadas e abrangentes que desenvolvam nas crianças e nos jovens, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, propostas com atenção para os seguintes objetivos:

- a) Primeiros anos do Ensino Fundamental: aprender a reconhecer e a classificar com precisão seus sentimentos e como eles os leva a agir.
- b) 6º e 7º anos do Ensino Fundamental: desenvolver atividades de empatia a fim de tornar a criança capaz de identificar as pistas não verbais de como a outra pessoa se sente.
- c) 8º e 9º anos do Ensino Fundamental: ser capaz de analisar o que gera estresse ou o que motiva a ter desempenho melhor.
- d) Ensino Médio: ouvir e falar de modo a solucionar conflitos em vez de agravá-los.

Assim, “ajudar as crianças e os jovens a aperfeiçoarem sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar sua empatia resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria considerável no desempenho acadêmico” (Goleman; McKee; Boyatzis, 2018, p. 12).

Na educação jesuítica, existe o princípio do *Magis*, que apresenta uma proposta de buscarmos viver e expressar da melhor forma possível nossos valores aprendidos. Na sequência, vamos explorar mais este elemento que compõe a educação inaciana.

3 *MAGIS* INACIANO E A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL

A ideia deste trabalho foi desenvolver um relato de experiência, que nasceu em outubro de 2023 e foi ampliado para o 1º semestre de 2024, pensando em, primeiramente, descrever quem é esta criança de 7 e 8 anos de acordo com as características do desenvolvimento humano, partindo da missão de promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos (Rede Jesuíta de Educação, 2021, p. 14). A pedagogia inaciana é uma concepção educativa que encontra o seu nutriente na Espiritualidade Inaciana, principalmente nos Exercícios Espirituais (EE)¹¹, exigindo da pessoa humana uma atenção maior ao seu eu interior, sentindo e saboreando e, ao mesmo tempo, levando-a à ação, revelando o que tem de melhor: o *Magis*¹². No entanto, para ser eficaz e duradouro, o ensino e a aprendizagem têm que focar a formação integral, fomentando a motivação, a participação, a autonomia, a liberdade, a atividade, a sociabilidade e a organização. Sempre partindo da realidade dos estudantes e os ajudando a se colocarem em contato com o objeto do conhecimento, questionando o significado e pautando nas cinco dimensões do Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI)¹³ – Contexto, Experiência, Reflexão, Ação e Avaliação. Dessa forma, percebemos que a aprendizagem não acontece de modo linear, e em determinado tempo e espaço, mas no esquema em espiral, de ida e volta, sempre crescente, no qual as dimensões podem ser verificadas em diversos momentos didáticos.

Para Lima (2024, p. 112-113),

O *magis* inaciano é alcançado à medida que a pessoa vai saindo de seu próprio amor, vontade e interesse e chegando ao bem coletivo acima do bem individual, vencendo-se a si mesma e ordenando sua vida sem se determinar por afeição alguma que seja desordenada, de forma a estar livre para desejar e escolher apenas o que mais conduz ao fim para o qual foi criada – amar e servir.

¹¹ Livro escrito por Santo Inácio de Loyola (EE). Roteiro para um retiro de 30 dias, organizado em quatro etapas, chamadas de semanas. Inácio conseguiu colocar por escrito seu próprio itinerário espiritual. Assim, refletindo sobre o “vivido”, os EE tornaram-se um caminho para se chegar até Deus (Rede Jesuíta de Educação, 2021, p. 71).

¹² *Magis* significa “mais, o maior ou o melhor”, em latim. Na experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola, refere-se à atitude de viver e agir tendo em vista a “maior glória de Deus”, que é a plena realização da pessoa (Rede Jesuíta de Educação, 2021, p. 73).

¹³ O PPI integra uma didática, fundamentada e descrita no documento *Pedagogia Inaciana: Uma proposta prática*, e apresenta as condições e o modo de se organizar o ensino e a aprendizagem segundo a visão inaciana (Klein, 2015, p. 183).

Em outras palavras, na pedagogia inaciana, o *magis* “diz respeito ao máximo que a pessoa pode atingir, tendo em vista seu contexto, características, habilidades, experiências” (Companhia de Jesus, 2016, p. 53).

Santo Inácio foi um homem de grandes perspectivas: atraía-lhe a contemplação das estrelas, a vastidão do espaço que refletia a universalidade, o amor de Deus que abarca a totalidade.

Tudo quanto existe despertava a sua curiosidade insaciável: os olhos de seus sentidos, os olhos de sua imaginação, os olhos de sua mente e os olhos de seu espírito se abriam e se encantavam diante de toda a realidade existente, incluindo tudo para tudo contemplar (Palaoro, 2010, p. 2).

A experiência dos Exercícios nos capacita a contemplar a realidade em sua globalidade. Aquilo que Santo Inácio nos propõe nos Exercícios Espirituais é impressionantemente rico e atual para o campo da educação, sobretudo por nos ensinar a desenvolver integradamente os chamados “três olhos do conhecimento”: o “olho dos sentidos”, o “olho da razão” e o “olho do espírito”. Por isso, os Exercícios põem em movimento todas as dimensões do ser humano: corpo e espírito, sentimento e inteligência, imaginação e reflexão, memória, entendimento e vontade. Todas as capacidades humanas se mobilizam para chegar a suscitar os afetos, a tocar o coração, onde todas as vivências se unificam e a pessoa recupera força e dinamismos eficazes. Centrado na pessoa, o processo dos Exercícios mobiliza e reordena todas as suas dimensões e propõe um caminho de plena humanização. Ele desafia cada um a assumir o potencial humano criativo que está latente em seu interior. Essa visão global da pessoa imersa na realidade dá atenção especial às relações de todos os protagonistas desse cenário universal e transcendente. Não há partes isoladas e nem seres simples. Tudo está religado, interativo e é complexo. Não se trata de contemplar passivamente a complexidade das relações e sua beleza; trata-se de um novo modo de ver, conhecer e estar presente no mundo e no cosmos, de ser em relação, em comum ação, para a integração e unidade. A ativação de todos os sentidos (internos e externos), durante o processo dos Exercícios, enriquece a experiência e torna a pessoa muito mais intuitiva e criativa. Essa criatividade íntima pode chegar a níveis originais com a metodologia dos exercícios da “aplicação de sentidos”. As ideias, os sentimentos, as intuições... adquirem nova luz, se revitalizam e penetram em todo o ser do exercitante (Palaoro, 2010).

Fazendo um paralelo com as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) destacadas a seguir, podemos observar o quanto as habilidades socioemocionais são essenciais para a educação integral: (1) conhecimento; (2) pensamento científico, criativo e crítico; (3) senso estético; (4) comunicação; (5) argumentação; (6) cultura digital; (7) autogestão; (8) autoconhecimento e autocuidado; (9) empatia e cooperação; e (10) autonomia. O foco no desenvolvimento de competências significa que os estudantes além de “saber” precisam “saber fazer”.

Para este artigo, pensamos em dar ênfase às competências de autogestão, autoconhecimento/autocuidado, empatia/cooperação e autonomia. Ou seja, ter a capacidade de utilizar os conhecimentos adquiridos no dia a dia, e nas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo ao redor. Não é apenas o desenvolvimento intelectual que importa, mas as dimensões social, física, emocional e cultural. Dessa forma, pensar nesse sujeito holístico e em uma educação integral na qual promovemos, enquanto educadores iniciamos “o exame de consciência (escutar a sua voz interior), encontrando maneiras de como a espiritualidade iniciada (através dos exercícios espirituais) adaptados ao contexto escolar, para que os estudantes aprendam o hábito do silêncio e a prática do discernimento” (ICAJE, 2019, p. 31). Exatamente o que diferencia competências (aspectos socioemocionais) de habilidades (aspectos cognitivos). Dessa maneira, não há competência sem o desenvolvimento de habilidades, ou seja, para o desenvolvimento das competências, é necessário desenvolver determinadas habilidades. Assim, a competência depende da capacidade de mobilizar recursos, conhecimentos ou vivências para atuar na realidade cotidiana de forma consciente e crítica.

Em outras palavras, a BNCC reconhece a importância da educação socioemocional e inclui as competências socioemocionais como parte das habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. A BNCC destaca, também, que as habilidades socioemocionais são fundamentais para o sucesso acadêmico e para a formação de cidadãos conscientes e engajados.

Na Figura 1, destacamos as habilidades da educação socioemocional que deverão ser desenvolvidas com o intuito de capacitar os estudantes a reconhecer, compreender, gerenciar e expressar suas emoções, construir relações saudáveis e tomar decisões conscientes, promovendo o bem-estar e o sucesso acadêmico e pessoal, sem esquecer dos contextos escola, família e sociedade. Essa visão holística

da educação socioemocional nos mostra que ela vai além do ambiente escolar. Em seguida, especificaremos as características de cada habilidade.

Figura 1 – Educação socioemocional



Fonte: Rezende (2017)

A partir da Figura 1, podemos traçar os conceitos do Quadro 4:

Quadro 4 – As 5 competências socioemocionais

COMPETÊNCIAS	CARACTERÍSTICAS
Autoconhecimento	Capacidade de olhar para si próprio, avaliando os pontos fortes e limitações.
Autocontrole	A habilidade de regular com sucesso as emoções, pensamentos e comportamentos em situações diferentes.
Consciência Social	Ser empático, se colocando na perspectiva de outros, incluindo aqueles de origens, cultura e valores diversos.
Tomada de decisão responsável	Fazer escolhas construtivas sobre o comportamento pessoal e interações sociais baseadas em padrões éticos.
Habilidades Sociais	Estabelecer e manter relacionamentos saudáveis com os outros indivíduos e grupos. Comunicando-se com clareza, ouvindo bem, cooperando com os outros, buscando e oferecendo ajuda quando necessário.

Fonte: Rezende (2017)

Podemos inferir que a educação socioemocional pode lançar bases importantes para o desenvolvimento dessas habilidades e competências, citadas anteriormente, contribuindo para o desenvolvimento da inteligência emocional, da capacidade de autogestão e da comunicação eficaz, habilidades essenciais para o crescimento individual. Acreditamos que projetos educacionais que despertem nos estudantes o *magis* através de um aprendizado contínuo sobre suas emoções e comportamentos é um incentivo na busca por aprimoramento pessoal e auxilia no desenvolvimento do discernimento e na busca de escolhas mais assertivas e menos impulsivas.

Assim, a busca pelo *magis* aliada a projetos que promovam a educação socioemocional buscam desenvolver as habilidades sociais e emocionais dos estudantes, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e preparando-os para os desafios do mundo moderno. A seguir, apresentaremos o projeto “Como me sinto quando...”

4 PROJETO “COMO ME SINTO QUANDO...”

A atividade “Como me sinto quando...” nasceu após a leitura do paradidático *Pedro vira porco-espinho*, de Janaina Tokitaka para as turmas dos 3º anos do Ensino Fundamental I. O ano era 2023 e professores regentes e especialistas de Artes, Educação Física, Ensino Religioso, Inglês e Literatura Infantil estavam percebendo que os estudantes estavam chegando nas salas de aula, depois de terem vivido um *lockdown* devido à pandemia de covid-19, muito distantes, dispersos, reativos e agressivos. As aulas remotas e, conseqüentemente, o uso excessivo de telas os afastou do convívio com seus pares.

O medo de chegar perto do colega, a falta de um abraço e de falar palavras de carinho e empatia parecia distante. Então, foram pensadas estratégias pedagógicas, no ambiente da sala de aula, para incluir ferramentas de reinserção social e potencialização das habilidades socioemocionais que possibilitassem este “novo normal”, termo muito usado naquela ocasião. Assim, foi criado, coletivamente e de forma interdisciplinar, o projeto “Emoções”, no qual proporcionamos momentos de partilha, atividades artísticas, músicas de relaxamento e vídeos motivacionais, nos quais a temática convergia para a melhoria da relação com os colegas, o equilíbrio

emocional diante de situações estressantes, construindo um ambiente de maior poder de decisão e de diminuição da ansiedade.

O sucesso foi tão grande que estendemos o projeto para o ano de 2024, quando outros temas foram abordados, e usamos o filme *Divertida Mente 2*, para ampliarmos e qualificarmos o nosso fazer pedagógico. Dentro da concepção de educação integral e pautados na pedagogia inaciona, podemos perceber que nossos estudantes começaram a definir metas mais inteligentes para resolver um conflito, seja ele interno ou externo, mais foco e determinação no cumprimento dos objetivos, melhor administração do tempo e, principalmente, o autoconhecimento, identificando suas emoções e sentimentos diante dos desafios, sejam eles pessoais ou sociais.

A primeira atividade proposta foi a apresentação do filme *Divertida Mente 2* (Figura 2) no auditório e, a partir dele, as demais estratégias foram desenvolvidas com os alunos.

Figura 2 – Exibição do filme *Divertida Mente 2*



Fonte: Professores do 3º ano

Na Figura 3, é possível ver alguns registros da exposição das esculturas de porco-espinho feito pelos estudantes. O material usado foi argila, palitos de dente e olhos móveis, revelando o potencial criativo de cada criança envolvida na atividade. Ao fundo, foram expostas as produções de texto, nas quais cada aluno (estudante) revelava qual emoção o transformava no bichinho espinhento e o que o fazia voltar a ser um bichinho fofo.

Figura 3 – Exposição dos trabalhos dos estudantes



Fonte: Professores do 3º ano

A Figura 4 ilustra o *game* de perguntas e respostas sobre emoções. Algumas situações do dia a dia eram apresentadas aos participantes, que deveriam responder quais eram as emoções e as reações despertadas. O apresentador (professor de inglês na época) apresentava quatro possíveis opções de resposta. Por exemplo: você levou um brinquedo para brincar com seus colegas, só que “sem querer” ele quebrou, qual sua reação: a) chamar o professor, b) bater no colega, c) quebrar o brinquedo dele também, d) chorar.

Figura 4 – *Game* com os participantes da atividade

Fonte: Professores do 3º ano

Outra atividade proposta foi a confecção dos bonecos das emoções (Figura 5). Foram disponibilizados balões nas cores azul, amarelo, vermelho e roxo, e farinha de trigo para preencher. Cada cor representava uma emoção, de acordo com o filme *Divertida Mente*: azul (tristeza), amarelo (alegria), vermelho (raiva) e roxo (medo). As crianças manifestaram espontaneamente o que estavam sentindo e os professores auxiliaram na confecção.

Figura 5 – Confecção de bonecos das emoções



Fonte: Professores do 3º ano

A seguir, apresentaremos alguns relatos dos profissionais que participaram do projeto:

Relato dos professores

“Durante o projeto percebemos o envolvimento das crianças e a sensação de pertencimento ao grupo. Nos momentos de reflexão sobre as atitudes de empatia e autoconhecimento, foi possível notar que eles começaram a reconhecer seus sentimentos e nomeá-los e iniciaram uma busca com o objetivo de saber lidar com as suas emoções. A sala de aula esteve mais tranquila, a todo momento quando um conflito surgia, alguém logo lembrava da história, das dinâmicas, da construção do porco espinho e da história que ouviram antes da atividade, mostrando assim uma reflexão e mudança de comportamento” (Professora Regente 1).

“Com base no que observamos após a implementação do projeto, posso dizer que houve sinais positivos. As discussões e atividades focadas em empatia e comunicação não violenta parecem ter contribuído para uma maior consideração pelos sentimentos dos outros e proporcionou momentos de reflexão sobre as próprias emoções, os gatilhos para comportamentos agressivos e as consequências de ações que não eram muito legais para o ambiente escolar” (Professora Regente 2).

“Pude perceber em meus atendimentos com os estudantes melhor relacionamento intrapessoal e uma maior habilidade de criar relacionamentos interpessoais. Possibilidade dos estudantes de maior controle sobre suas emoções. No campo cognitivo verifiquei uma ampliação na atenção e na concentração, desenvolvimento da empatia e o encorajamento no convívio com as diferenças, prevenção do bullying, redução da ansiedade, da depressão, facilidade de se expressar e melhor desenvolvimento de outras habilidades” (Feedback enquanto Orientadora de Aprendizagem).

5 CONCLUSÃO

Com o progresso tecnológico, a nova geração tem se tornado um desafio para as famílias e professores, principalmente após a pandemia, quando a relação direta com dispositivos como *tablets*, computadores e celulares tem crescido assustadoramente, limitando o relacionamento com os colegas e gerando um novo perfil comportamental hiperconectado. A falta de habilidade para lidar com as frustrações, empatia e um egoísmo exagerado têm se mostrado presentes. Nesse cenário, a inteligência emocional deve ser trabalhada no contexto educacional. E é nessa realidade que a educação socioemocional impetra o seu espaço, sendo fundamental no desenvolvimento de habilidades centrais para ajudar os estudantes a terem autocrítica e a construírem ferramentas de tolerância e respeito com os outros. Podemos asseverar que a emoção é importante no processo pedagógico e o grande diferencial está na possibilidade da otimização dessa emoção. É importante destacar que a educação emocional jamais pode ser concebida como uma fórmula milagrosa ou uma espécie de antídoto para todos os entraves da educação.

Os desafios que envolvem a atividade “Como me sinto quando...” podem possibilitar o fortalecimento da gestão das emoções nas crianças, como elemento-chave para o desenvolvimento integral dos estudantes. Acreditamos que uma correta gestão das emoções tem potencial de promover nos estudantes a habilidade de sentir, identificar, regular as suas emoções para tomar decisões e relacionar-se de uma melhor forma nas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. Esse “ajustamento emocional” pode assegurar ao estudante a reflexão, o discernimento e, conseqüentemente, a construção de comportamentos mais assertivos e menos agressivos. Essa habilidade apropriada de “inteligência emocional” torna-se uma exigência social, o que contribui na construção de uma sociedade mais justa e humanitária, e o que nos condiciona à necessidade de estabelecer projetos pedagógicos implementados de estratégias didáticas que possam ser orientadas para trabalhar e fornecer ferramentas emocionais necessárias para enfrentar os desafios que acompanham os estudantes ao longo de todo processo formativo.

Outro ponto importante nesta atividade “Como me sinto quando...” está na possibilidade de ser envolvida com um projeto de aprendizagem integral que, diante do contexto atual, propõe uma visita reflexiva e dialógica a um humanismo comprometido com a diferença e a multiplicidade, replicando numa educação compromissada com a qualidade e atualização do conhecimento experimentado a partir de *afetações* cooperativas. Essa multiplicidade pautada na consciência reflexiva e dialógica é contemplada a partir da experimentação existencialista e integral e de um humanismo que promova a subjetividade criativa e um profundo exercício de ressignificação e recontextualização.

Devemos, então, enquanto educadores inicianos, estimular em nossos estudantes a autonomia e a liberdade, despertando a curiosidade, e a conexão no aqui e no agora e com suas emoções, provocando-os a experimentar novas formas de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo. Dessa forma, propiciaremos ferramentas para as crianças se tornarem sujeitos autênticos, seguros, felizes e preparados para os desafios e obstáculos do seu caminho. Acreditamos que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais permite que o sujeito, ao enfrentar os dilemas do contexto vivido dentro do ambiente educacional, tem a oportunidade de desenvolver uma variedade de habilidades importantes, como pensamento crítico, resolução de problemas, empatia e colaboração – em todos os ambientes da estrutura educacional.

A educação constitui esse processo de contínua reconstrução e reorganização da experiência, por meio da reflexão. “E são as experiências reflexivas que a escola deve propiciar” (Cavaliere, 2002, p. 258). Corroborando essa ideia, Dewey (1959, p. 159) afirma que educar é

tecer relações entre os indivíduos e a cultura que os envolve e a escola, uma microssociedade, em permanente mudança, propícia para o educando aprender a exercitar o pensamento reflexivo, tendo como eixo norteador a experiência, como fundamento da realidade, posicionando-o no centro do fazer educativo para alcançar a qualificação de sua aprendizagem.

A escola poderá tornar-se um ambiente favorável ao que o autor chama de reconstrução social da experiência. Portanto, pretendemos com esta atividade “Como me sinto quando...” reinventar a escola, ressignificando não só seu lugar, central num projeto educativo, mas, sobretudo, como articuladora de ações, de educadores, agentes e instituições, que só pode ser assegurado mediante um projeto de educação que considere a integralidade do ser humano e a responsabilidade social.

Como Orientadora de Aprendizagem no Colégio dos Jesuítas – Juiz de Fora/MG e atuando com os estudantes de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, e suas famílias, percebo o quanto a pedagogia inaciana é fundamental no meu fazer pedagógico, no qual, ao imergirmos nos EE, encontramos quatro aprendizagens visando à personalização do ser humano, experiência de papéis e relacionamentos, visão integradora e a consciência de uma missão. No meu ambiente de trabalho, quando estou atendendo aos estudantes, seja diante de questões acadêmicas, socioemocionais e/ou espiritual-religiosas, sempre tenho como horizonte as várias dimensões do estudante e seus tipos de inteligência. Assim, por meio das tomadas de consciência, constantes, percebo a sua caminhada, identificando os obstáculos e reforçando os avanços, colocando-os a questionar, desestabilizando o conhecimento superficial, inautêntico ou de sentido comum e estimulando a atividade, a fim de desenvolver ao máximo suas potencialidades na transformação da sociedade. Solidarizando-se, dessa forma, com os demais e com o meio ambiente, para saber discernir e oferecer soluções aos problemas, e mover-se em um mundo cambiante, assegurando a sua educação vitalícia.

Acredito que a pedagogia inaciana não pretende adestrar ou instrumentalizar os estudantes para vencer ou subir na vida, mas, ao contrário, para descer os seus

degraus, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, a “cura personalis”¹⁴ e atenta aos sinais dos tempos. O ensino e a aprendizagem inicianos partem de uma atitude de assombro, de encantamento diante de toda a realidade, que merece ser estudada a fundo, com apreço e gratidão, centrado na pessoa do educando, e não mais no conteúdo, nem no educador. Portanto, é nos EE, de onde procede, a pedagogia inaciana que “reencontramos o elã que não permite a acomodação, mas nos impulsiona a atualizarmos constantemente, na busca de uma educação promotora da pessoa e da transformação social” (Guidini, 2016, p. 50).

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CASALI-ROBALINHO, I. G.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais como preditoras de problemas de comportamento em escolares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 321-330, 2015.

CASTRO, A. T. Implementación de estrategias didácticas para el manejo y gestión de emociones con estudiantes de Feppa San Calixto de la ciudad de La Paz. **Revista Neurodidáctica**, n. 2, p. 1-17, 2021.

CAVALIERE, A. M. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, 2002.

COMPANHIA DE JESUS. **Estrutura Organizacional dos Colégios da BRM**. Instrução Para Gestores da Companhia de Jesus no Brasil. São Paulo: Loyola, 2016.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (org.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**: questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea, 2005.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Nacional, 1959.

GARCIA, M. *et al.* La gestión de las emociones, una necesidad en el contexto educativo y en la formación profesional. **Revista Espacios**, v. 39, n. 49, 2018.

¹⁴ Trata-se do cuidado personalizado que tem raiz nos Exercícios Espirituais e no modo como se dá, nessa experiência, o acompanhamento das pessoas, segundo suas características, seu contexto e suas experiências prévias (Rede Jesuíta de Educação, 2021, p. 69).

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GOLEMAN, D.; MCKEE, A.; BOYATZIS, R. **O poder da inteligência emocional**: como liderar com sensibilidade e eficiência. Tradução de Berilo Vargas. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

GUIDINI, F. Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. **Revista Mediação**, Curitiba, ano II, 2016.

HUGHES, M. Divertida Mente 2 se torna 12ª maior bilheteria da história. **Forbes**, 31 jul. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2024/07/divertida-mente-2-se-torna-12a-maior-bilheteria-da-historia/>. Acesso em: 20 out. 2024.

ICAJE. **Colégios Jesuítas**: uma tradição viva no século XXI: um exercício contínuo de discernimento. Roma: SJ Educativo, 2019.

KLEIN, L. F. (org.). **Educação jesuíta e pedagogia inaciana**. São Paulo: Loyola, 2015.

KLEIN, L. F. **Pedagogia Inaciana**: sua origem espiritual e configuração personalizada. *In*: ENCONTRO DE DIRETORES ACADÊMICOS DE COLÉGIOS JESUÍTAS DA AMÉRICA LATINA, 2., 2014. Quito (Cumbayá): 08 a 12 de setembro de 2014.

LAMPERT, H. A. Vivências e afetação na crise dos sete anos. **Caderno Temático do Estudante de Psicologia**, v. 1, n. 1, 2019.

LÉVY, P. **O fogo liberador**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

LIMA, M. E. B. **Contribuições da produção intelectual do Padre Peter Hans Kolvenbach, SJ para a educação básica nas instituições jesuítas no Brasil (1983-2008)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024.

MOLL, J. (org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1995.

PALAORO, A. A Espiritualidade Inaciana como “princípio e fundamento” da missão educativa na Companhia de Jesus. [Artigo, 2010].

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica**: 2021-2025. 1. ed. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação/Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2021.

REZENDE, E. Quais são as 5 competências socioemocionais essenciais na educação emocional. **Psicoedu**, 1 maio 2017. Disponível em: <https://www.psicoedu.com.br/2017/05/cinco-competencias-essenciais-na-educacao-emocional.html>. Acesso em: 30 maio 2025.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

TOKITAKA, J. **Pedro vira porco-espinho**. São Paulo: Jujuba, 2017.

VARMA, V. P.; WILLIAMS, P. (org.). **Piaget, Psicologia e Educação**. São Paulo: Cultrix, 1976.

VIRGOLIM, A. M. R.; ALENCAR, E. M. L. S. (org.). **Criatividade**: expressão e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM OS PROFESSORES

- 1) Depois do projeto, você percebeu os estudantes menos inseguros, fragilizados e agressivos?
- 2) Os estudantes se mostraram mais cuidadosos com a forma de falar com os colegas, pensando nas palavras adequadas para não ferir o outro, demonstrando empatia e gentileza nas relações?
- 3) O projeto assegurou momentos de reflexão, discernimento e a construção de comportamentos mais assertivos e menos agressivos?
- 4) As atividades desenvolvidas foram capazes de estimular nos estudantes a manutenção de relações positivas consigo mesmo e com os outros?
- 5) Fazendo um paralelo com a Pedagogia Inaciana, o Projeto “Emoções” possibilitou o “Magis Inaciano”? Em outras palavras, conseguiu desenvolver habilidades e competências individuais, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros?